

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência - CIRINO, Daniele Cristine da Silva; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Uso de drogas entre trabalhadores precoces na atividade de malabares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 547-555, jul./set. 2009.

2) Resumo e Palavras-Chave - O presente estudo objetiva identificar os fatores que motivam o uso de drogas entre meninos trabalhadores em condição de rua na cidade de João Pessoa – PB, caracterizar a atividade de trabalho de malabares e relacionar o trabalho precoce e o uso de drogas com as perspectivas de futuro destes sujeitos. A pesquisa desenvolveu-se através da territorialização, observação e registro sistemático e entrevistas semiestruturadas, com dados analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (1979). Foram entrevistados seis sujeitos, entre 11 e 16 anos, todos do sexo masculino. As drogas utilizadas por eles foram bebidas alcoólicas, cigarro, cola e maconha. Os motivos para o uso foram a imposição do grupo e o desconhecimento dos reais efeitos das drogas. Constatamos ainda que, para os trabalhadores precoces no setor informal urbano, há construção de perspectivas de futuro, vislumbradas através da inserção profissional quando adultos, possível de se concretizar a partir da escola.

Palavras-chave: drogas, trabalho precoce, meninos em condição de rua.

3) Objetivo do estudo - O objetivo deste estudo é identificar os fatores que motivam o uso de drogas entre trabalhadores precoces em condição de rua, na atividade de malabares, na cidade de João Pessoa – PB.

4) Tipo de pesquisa - Não informado.

5) Período da pesquisa – Não informado. Sabe-se que o artigo é um fragmento de Monografia em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba/UEPB (2006).

6) Forma de coleta de dados - Participaram deste estudo seis crianças e adolescentes trabalhadores precoces em condição de rua da cidade de João Pessoa – PB, com idade entre 11 e 16 anos, do sexo masculino, encontrados realizando a atividade de malabares nos sinais da cidade de João Pessoa. A ausência de meninas neste estudo se deu pelo motivo de não terem sido encontradas realizando esse tipo de atividade, embora o relato de alguns meninos

afirmasse a sua presença. Foi utilizada uma entrevista individual semiestruturada, com o objetivo de: a) caracterizar a atividade de trabalho de malabares desempenhada por crianças e adolescentes em condição de rua; b) analisar o nível de conhecimento sobre drogas; e c) investigar as perspectivas de futuro.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - Na análise dos dados, o conteúdo das entrevistas individuais com roteiro semiestruturado foi trabalhado a partir da técnica de análise de conteúdo temático (BARDIN, 1979), fazendo-se emergir os núcleos de sentido da presença ou ausência do tema. Dessa forma, gravadas as entrevistas, seus resultados foram analisados e interpretados, obedecendo-se à seguinte forma: (a) organização dos dados, através da transcrição das fitas, digitação e leitura flutuante do material, além da organização dos relatos e das observações, com a finalidade de se registrar e se organizar o material do discurso coletado na entrevista, além de se estabelecer contato com tal material; (b) tabulação, codificação e categorização dos dados, com a finalidade de fazer o recorte das unidades temáticas, agrupar o recorte destas para construção das categorias e apresentar uma representação simplificada do conteúdo emergente do discurso do sujeito; e (c) análise final, com as inferências e interpretações das pesquisadoras acerca dos relatos apresentados, relacionando-os com o objeto proposto para investigação e com os autores de referência.

8) Resultados / dados produzidos - Com relação ao que fazem nas ruas, todos os sujeitos afirmaram realizar a atividade de malabares, sendo alguns associados a outras atividades, como olheiro, frentista e descarregador de caminhão. Afirmaram que começaram a trabalhar nas ruas entre 7 e 14 anos, com o intuito de ganhar dinheiro e de contribuir para o sustento da família, ou, ainda, pelo deslumbramento que a rua provoca, apontando-a como local de “liberdade”, onde não precisam dar satisfações a terceiros e onde têm, ainda, a possibilidade de ganhar seu próprio dinheiro. Apontaram também o “senso de utilidade”, referente ao discurso de que não trabalhar nesta idade é sinônimo de vadiagem. Além de iniciarem a atividade “por diversão”, realizam a atividade de malabares por considerarem-na uma brincadeira. Constatou-se que, em alguns casos, os trabalhadores precoces se utilizam da atividade de trabalho como recurso lúdico, uma vez que estes elementos são frequentemente associados ao malabarismo. Dessa forma, as brincadeiras aliviam a angústia e o sofrimento do trabalho precoce e dos riscos, propiciando prazer.

Com relação ao que fazem com o dinheiro que ganham, afirmaram que o dão aos familiares (pai, mãe), entregam-no a terceiros ou ficam com ele. Terceiros são aquelas pessoas que eles conheceram nas ruas e que lhes ofereceram abrigo permanente ou temporário, que os “protegem” dos riscos das ruas ou exploram sua mão-de-obra. Sobre quanto ganham por dia de trabalho, os dados mostram que os sujeitos recebem valores diários que variam de R\$ 3,00 a R\$ 27,00 reais, podendo trabalhar todos os dias ou em dias alternados, com jornadas de 10 a 15 horas diárias.

Os sujeitos identificam como aspecto positivo do trabalho nas ruas a venda de produtos ou a junção de mais de uma atividade, tal como a de olhar carro e de malabares, uma vez que produz maior rentabilidade do que a atividade de malabares realizada de forma isolada. Esses dados demonstram a dupla ou tripla jornada a que esses sujeitos muitas vezes se encontram submetidos e que pode ser extremamente nefasta ao seu desenvolvimento, uma vez que essa carga contribui para a compreensão do atraso escolar desses sujeitos. O trabalho torna-se, assim, um fator que compromete o estudo, pois leva essas crianças e adolescentes a não frequentarem a escola, provocando, então, a evasão escolar e a socialização desviante (CRUZ e ASSUNÇÃO, 2008; CAMPOS e ALVERGA, 2001). Como aspecto negativo do trabalho nas ruas enfatizaram a mendicância, devido ao receio com que são vistos por outras pessoas, as más influências e ao risco de morte. Pode-se perceber a rua como local propenso ao envolvimento com pessoas de caráter duvidoso, que gera uma socialização desviante, com possível envolvimento com drogas, furtos, etc., além do risco de, ao estarem dormindo na rua, serem agredidos ou mesmo mortos por outras pessoas.

Os sujeitos afirmaram ter aprendido a fazer malabarismos sozinhos, ou seja, através da observação, ou que aprenderam com amigos através da experiência destes na rua. Percebemos que os dados corroboram os de Alberto (2002), que, ao investigar trabalhadores informais em condição de rua em João Pessoa, constatou que a destreza necessária é adquirida na realização da atividade de trabalho. A forma de inserção, por sua vez, inscreve-se num sistema de redes de solidariedade que estrutura as atividades de trabalho informais: amizade e parentesco. A aprendizagem se dá mediante a transmissão oral e a prática das tarefas, que inicialmente são feitas pela pessoa que os inseriu naquela atividade e têm continuidade com a observação do desempenho das tarefas pelos demais trabalhadores. Dessa forma, as ruas acabam por se transformar, para estes sujeitos, em locais de trabalho, onde desempenham suas atividades, mas também se tornam vulneráveis a vários tipos de violências, entre as quais se podem citar agressões físicas e verbais, a exploração do próprio trabalho, a socialização desviante com exposição às drogas.

Uma vez identificados como crianças e adolescentes trabalhadores precoces, os sujeitos foram indagados acerca do conhecimento sobre drogas. Todos afirmaram ter algum conhecimento e quatro deles afirmaram ter feito uso de substâncias psicoativas e ter começado a utilizá-las entre os 8 e os 14 anos. As drogas por eles utilizadas, por ordem de maior frequência, foram bebidas alcoólicas, cigarro, cola e maconha. Os motivos pelos quais fizeram uso foram o medo - pela imposição do grupo como forma de inserção ritual, sob a forma de coação - por pensarem que era bom e por quererem experimentar. Considerando-se esses aspectos, percebe-se que a droga é um fenômeno grupal. No caso dos meninos, é um instrumento para a inserção de alguém que, saindo de casa, precisa pertencer, ter um grupo de referência para ser aceito e sobreviver. Há também a curiosidade de conhecer a droga, de saber o que é e como funciona no corpo enquanto capacidade alucinógena e provocadora de sensações, de entorpecimentos, de devaneios e de fugas do estado de consciência (ALBERTO e MARIANO, 2003). Os sujeitos afirmaram ainda ter conseguido a droga: por meio de amigos que também se encontram em condição de rua; em feiras livres, por meio de feirantes e barraqueiros; e na orla marítima, referindo-se às bebidas alcoólicas compradas pelas crianças e pelos adolescentes em barracas na praia, mesmo sendo a sua venda proibida por lei para menores de 18 anos (ECA, 1990).

Afirmaram também que as drogas são conseguidas “através de outras pessoas que oferecem... tem uns “grandes” que oferecem... pra viciado mesmo” (F., 15 anos), referindo-se a traficantes que atuam nas proximidades. Além disso, para alguns dos entrevistados, a concepção de drogas se estende apenas às drogas tidas como ilícitas. As lícitas, como cigarro e álcool, não são compreendidas como drogas, apesar de demonstrarem possuir conhecimento acerca dos seus malefícios à saúde.

Dos sujeitos entrevistados, apenas um afirmou ainda fazer uso de algum tipo de droga. Os que deixaram de fazê-lo apontaram como motivos a possibilidade de morrer em decorrência do uso, o fato de as drogas deixarem “doidão”, as brigas ou o fato de estragarem os dentes e fazerem mal aos pulmões. O que ainda faz uso afirma não sentir os efeitos da droga. Para Alberto e Mariano (2003), dizer que não sente nada é a representação ou a tentativa de desmistificar, em parte, o poder atribuído à droga, e, para estes meninos, as drogas não provocam nenhuma reação. Neste caso, isto pode ser entendido como uma forma utilizada pelo adolescente para provar que, mesmo fazendo uso de drogas, não perde o controle sobre suas ações e que elas não provocam alterações em seu comportamento ou em suas emoções.

Os sujeitos apontaram como consequências do uso de drogas na vida das pessoas a vontade de roubar e de “judiar” de outras pessoas, o envolvimento com brigas, a morte, a prisão e “ficar doido”, que, no imaginário social brasileiro, é o louco, aquele que não dá conta de si ou que não sabe o que faz - o que vem, na percepção dos sujeitos, justificar determinados tipos de comportamento, uma vez que, em “sã consciência”, uma pessoa não reagiria de determinada forma. Sobre já terem precisado vender algum tipo de droga, todos os entrevistados afirmaram que não. Não obstante, dois sujeitos afirmaram já ter sido abordados por terceiros para comprar drogas. Ambos disseram não ter aceitado a proposta e apontaram como motivo, um deles, o medo de ser preso, uma vez que o pai de um dos sujeitos se encontra preso por tráfico de drogas, e o outro, que o local onde se vendem drogas é perigoso a partir de determinada hora.

Para alguns autores, a família possui papel preponderante no desenvolvimento de crianças e adolescentes, uma vez que, em alguns casos, ela pode desencadear o envolvimento dos filhos com as drogas, como no caso de ambientes familiares de relacionamentos conflitivos, instáveis e violentos (SIDMAN, 1995), ou no caso de a própria estrutura familiar utilizar-se de substâncias psicoativas como medicamentos, bebidas alcoólicas e outros (CARLINI, CARLINI-COTRIM e SILVA FILHO, 1990). Neste sentido, para crianças e adolescentes que recorrem ao uso de drogas, estas se apresentam como meio que proporciona a ilusão de aparente bem-estar, de possibilidade de isolar angústias, de dar vazão a anseios, tensões e insatisfações ante um mundo que se apresenta ameaçador e violento.

Todos os sujeitos afirmaram já ter sido abordados tanto pela polícia quanto pelo Conselho Tutelar para serem encaminhados de volta para casa. Pode-se perceber que, para estas crianças e adolescentes, a volta para casa constitui-se um problema, uma vez que envolve a preocupação com as condições financeiras das famílias de origem, pois o retorno ao lar implica falta de dinheiro ou da complementação de renda para suas famílias.

Acerca de problemas com outros grupos, apontaram o roubo de seu dinheiro por “cheira-colas” que perambulam pelas ruas. O fato de os sujeitos encontrarem-se em grupos ressalta bem este aspecto da ameaça constante e da necessidade de proteger-se dos outros atores que permeiam o cotidiano da rua. Por meio dos dados, identificou-se que, para a maioria das crianças e dos adolescentes, a responsabilidade pelo uso da droga reside prioritariamente no próprio sujeito; no entanto afirmam que este, sozinho, não é capaz de livrar-se da dependência, tendo que recorrer à mãe, a amigos ou a qualquer outra pessoa que realize o papel de aconselhador. Sobre o que poderia ser feito por essas pessoas, responderam que poderiam ser aconselhadas, presas ou que apenas o carinho da mãe poderia ajudá-las. Para outros sujeitos, a responsabilidade do uso das drogas reside naquele que oferece a droga e que leva uma pessoa a drogar-se; ou seja, o sujeito é vítima de terceiros que oferecem o produto.

Os dados refletem que as crianças e os adolescentes trabalhadores em condição de rua encontram-se frequentemente expostos ao uso de drogas, não só pelo trabalho, mas principalmente pelo fato de este, realizado em condição de rua, promover o acesso a uma socialização desviante.

Sobre as perspectivas de futuro, foi abordado por ser entendido como um aspecto ligado diretamente à saúde mental do trabalhador, principalmente se relacionado a crianças e adolescentes trabalhadores precoces em condição de rua que utilizam ou utilizaram algum tipo de droga. Quando indagados sobre o que desejam ser no futuro, as respostas se traduziram em ocupações profissionais ligadas a celebridades (jogador de futebol) e àquelas representativas de uma cultura trabalhadora (motorista, fazendeiro e trabalhador formal). Para um dos sujeitos entrevistados, a vontade de “ser trabalhador” no futuro explicita seu desejo de possuir um emprego formal com carteira assinada. Foi observado que esse adolescente se reconhece como trabalhador em sua condição de rua, mas o trabalho formal lhe traria o reconhecimento do outro, além de uma remuneração certa e fixa. Percebemos desta forma que, para esses trabalhadores precoces do setor informal que se utilizam ou utilizaram algum tipo de droga, ainda há construção de perspectivas de futuro, vislumbradas a partir de uma inserção profissional quando adultos, o que corrobora dados de Alberto (2006). Sobre se o que fazem hoje possibilitará o alcance destas perspectivas de futuro, a maioria dos sujeitos respondeu que não. Para eles, a realização dos seus desejos se concretiza a partir da ausência de contato com as drogas e do retorno à escola, o que vem confirmar o papel atribuído a esta de instrumento mais eficaz para ser usado no enfrentamento do trabalho precoce (FÓRUM, 2004; OIT, 2001) e do uso de drogas por crianças e adolescentes, mediante a educação preventiva (MOURA, 2004). Percebemos que, para alguns sujeitos, pensar em termos de perspectivas de futuro remete a algo inatingível: “Eu sonho demais... o cabra nunca chega não a realizar não...” (R., 14 anos). Dejours (1986) relaciona o conceito de saúde ao de ter esperança e desejo, pois, para ele, o verdadeiro perigo existe quando não há mais desejo. Na falta deste, o corpo pode adoecer mais facilmente. Se um fator de perigo é a ausência do desejo, então, quando as crianças e os adolescentes não apresentam perspectivas de futuro, podemos entender que eles não têm desejo. Entendemos este fato como danoso para a saúde psíquica, assim o desenvolvimento desses sujeitos encontra-se comprometido.

Sobre se gostariam de parar de trabalhar na rua, todos responderam que sim, apresentando como fatores motivadores: desejo de retorno ao convívio familiar; riscos ligados à atividade (atropelamentos); desejo de retorno às atividades escolares; maus-tratos sofridos nas ruas; desejo do trabalho formal, além do risco de uso e abuso de drogas e de aliciamento pelo tráfico. Por estes dados se percebe que os trabalhadores precoces do setor informal desejam não precisar mais trabalhar, devido tanto ao conjunto de riscos a que estão expostos no decorrer da atividade de trabalho quanto aos riscos sociais (OLIVEIRA e ROBAZZI, 2001; CAMPOS e ALVERGA, 2001): riscos de exposição às drogas, violências (abusos, tráfico), perigos à formação moral, afastamento da família e da comunidade, além do prejuízo da escolaridade. Percebeu-se ainda, pelo discurso dos sujeitos, que o medo também se constitui como fator motivador para se deixar o trabalho, o que corrobora os dados de Alberto (2002), que aponta que este medo deriva das situações de violência, dos perigos e dos riscos decorrentes da condição de rua, além do medo de o trabalho não propiciar o alcance de suas perspectivas de futuro.

9) Recomendações - De forma geral, esta pesquisa contribui no sentido de apontar os riscos que permeiam uma atividade de trabalho realizada por crianças e adolescentes em condição de rua e os danos ao seu desenvolvimento biopsicossocial. Espera-se ainda que este trabalho possa contribuir para a discussão da necessidade de erradicação do trabalho de crianças e para a efetiva garantia dos direitos dos adolescentes trabalhadores.

10) Observações e destaques -

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.